

A FIXAÇÃO DO PARANOÁ E O CEDEP

Introdução

Este documento é uma pequena contribuição para a discussão. Sua abordagem não vai essencialmente ao fundo das questões colocadas. Seu propósito é levantar alguns pontos problemáticos e apresentar sugestões para continuidade da luta.

A POLÍTICA HABITACIONAL DO GDF E A SITUAÇÃO DA VILA

Marcada pela instabilidade nesses trinta anos de existência, a nossa vila tem resistido heroicamente às tentativas de remoção. Vários foram os conflitos, as brigas, os "desentendimentos" com o GDF, no qual destacaram-se a vontade da população em recusar qualquer proposta de transferência.

A política habitacional do governo do Distrito Federal, desde a construção de Brasília, é marcada pela marginalização das massas trabalhadoras, condenadas a habitarem a periferia, longe dos centros de trabalho e de decisão política. As vilas e favelas que emergiram durante e nos anos posteriores à construção de Brasília, localizadas nas áreas consideradas "nobres" e que estavam em volta do Plano Piloto, foram violentamente erradicadas. A vila do IAPI, localizada próximo ao Núcleo Bandeirante, com cerca de 80.000 habitantes, foi a vítima maior dessa política de remoção, no início da década de 70.

Essa política de erradicação de favelas, levada 20 anos pelos regimes militares, é continuada pelo governo do PMDB-PFL, a chamada "Nova República". O governo José Aparecido tem tentado conter o crescimento da emigração à Brasília de uma forma violenta e arbitrária. Sitia a cidade, faz triagens na rododiferroviária, expulsa os que não tem onde morar em Brasília enviando-os aos estados de origem, remove violentamente a favela da 110 Norte, derruba barracos na vila Telebrasil e Paranoá. Viola, inclusive, um direito constitucional: O direito de ir e vir.

É importante salientar: A ofensiva maior à tentativa de fixação do Paranoá deu-se neste governo. As derrubadas de barracos em outubro de 85, setembro de 86, outubro de 87, aliados ao abastecimento de água totalmente deficiente, não são gratuitos. Estas medidas objetivam o impedimento da expansão do Paranoá, que está totalmente "inchado" (mais de 1.500 famílias moram de aluguel, num universo de 6.000), maltratar a população com a falta d'água (a população passa sede. O consumo médio é de 8 litros por habitante dia). Porém, seu objetivo é maior: criar as condições psicológicas que levem a população a desistir da luta histórica pela fixação da vila.

Entretanto, apesar de todas as adversidades, o Paranoá, com cerca de 40.000 habitantes, permanece. Permanece e solidifica-se. Afinal, os anos de luta trouxeram algumas conquistas. Conhecemos poucas favelas com tais equipamentos urbanos, embora precários: 3 escolas, 1 posto de saúde, 1 posto policial, 1 posto da LBA, 3 linhas de ônibus, um comércio considerável, uma feira livre, etc. Portanto, as raízes estão fincadas. O seu apodrecimento, embora possível, não virá sem traumas e enfrentamentos.

O governo do Distrito Federal, que sofre e adere às pressões dos empresários imobiliários de Brasília, entende até o fim a "pedra no sapato" que é o Paranoá. Entende que o Paranoá transformou-se numa cidade. Entende também que uma remoção, no caso específico do Paranoá, não pode se dar da forma tradicional e peculiar do Buriti ou seja, à força. É necessário persuadir a população a sair. E nesta tarefa difícil, além das direções das instituições governamentais aqui no Paranoá (Escolas, LBA, etc), o GDF conta com dois aliados importantes: A "Prefeitura anti-comunitária" e a atual diretoria da Associação dos Moradores do Paranoá.

O sr. Gilson, o "prefeito" imposto à comunidade, tem um projeto pessoal de atuação política. Suas andanças com representantes da Encol na vila, seu trabalho de convencimento junto aos inquilinos para que estes derubassem seus barracos, seu procedimento juntamente com o Sr. Antonio Garcia - diretor do complexo B de Brasília - denegrindo a imagem dos professores (um grupo de trabalhadoras que prestam serviço no Paranoá e que apoiam a luta pela fixação) no episódio da escola de lata, além da sua pregação do "culto de respeito às autoridades", demonstram seu papel de "bombeiro" na

comunidade. Sua declaração ao Correio Braziliense na segunda quinzena de outubro/87, durante o movimento dos inquilinos, ilustra bem a situação. "A prefeitura tem trabalhado para atenuar os choques entre a população e o governo". Torna-se assim, um importante ajundante de ordens do governo na vila.

A Associação dos Moradores, construída em 1.979, encontra-se em mãos hostis. É doloroso constatar que a nossa Associação sai de dois anos de intensa luta para transformar-se numa entidade de ofícios e carimbos. Aliás, é bem este o propósito de seus atuais diretores: enterrar o principal instrumento de luta da comunidade nestes últimos oito anos.

A direção peemedebista da entidade é um braço do governo no Paranoá. Num comício promovido pela Associação no último dia 01.11., na praça do roxo, vários secretários de estado estavam presentes (prometendo deus e fundos para os poucos presentes) juntamente com a deputada Márcia Kubistchek - a mesma que, quando da derrubada dos barracos da 110 norte, apoiou o acontecido porque preservava a cidade conforme o seu "traçado original" - Neste evento, o sr. Hélio, presidente da Associação dos moradores, discursava ao lado de uma acompanhante notável: a bandeira do PMDB, que era sacudida no ar. Muita festa, prá eles é claro.

O LUGAR DO CEDEP

Originado a partir da última diretoria da Associação dos Moradores, que saiu derrotada nas eleições de março/87, o Centro Cultural tem papel importantíssimo a cumprir: dar continuidade a proposta política levada pela diretoria da associação dos moradores na sua gestão março/85 - março/87.

Faz-se necessário, para melhor ilustrar a situação, um pequeno balanço, ainda que superficial, do que foi esta gestão durante estes dois anos.

Nunca o Paranoá ^{150x} tão badalado, conhecido, referendado, como em nossa gestão. Nossa atuação projetou a Vila Paranoá não só no cenário regional como também no nacional. E tantas conquistas foram obtidas: entrega da escola de lata, construção da escola novíssima, erguimento do chafariz do acampamento, "amansamento" da Terracap com a construção e aumento de barracos, construção do posto policial, etc. O Paranoá transformou-se no expoente maior das lutas populares no Distrito Federal. É como falam alguns populares e amigos da vila: "Voces pertubaram bastante o Zé Cachacinha".

Evidentemente, tudo não foi um mar de rosas. Enfrentamos vários problemas. Problemas característicos de uma diretoria inexperiente e jovem, que assumia pela primeira vez a diretoria de uma associação de moradores. Problemas estes que se verificaram na falta de uma maior organização de base, na ausência e propagação de informações, da formação dos diretores, enxergar os passos futuros, etc. Essas falhas impediram uma maior sintonia entre a política da diretoria e o conjunto dos moradores. E está claro que tais falhas, associadas a união de todos os grupos políticos (PMDB, PFL, PDT, PCB, etc), a maioria dos grupos religiosos, levou-nos a uma derrota eleitoral. Entretanto, é importante deixar claro: A linha política da fixação, no geral, estava correta.

Com uma prefeitura "arranjada", uma associação dirigida pelo GDF, somente nós podemos assumir o papel de organizar a população em defesa de suas reivindicações.

Hoje estamos organizados no CEDEP. Não tão imaturos, possuímos mais de três anos de experiência nas costas. Esta experiência tem de auxiliar na delineação do projeto político do CEDEP.

O CEDEP, apesar das suas fragilidades, das diferenças políticas de seus membros, é o único grupo político comprometido com os anseios da população.

Ao CEDEP cabe a árdua tarefa de mostrar à população os rumos da caminhada em direção a fixação.

Contudo, para assumir este papel, o CEDEP tem de tomar uma postura totalmente independente dos partidos políticos, do governo e seus serviços (leia-se Dr. Eustáquio Santos e cia.), das igrejas ou seja, o grupo tem que ter uma atuação a mais ampla possível e que não coloque obstáculos a participação da população.

PERSPECTIVAS NA LUTA PELA FIXAÇÃO

Como observamos, a política habitacional do GDF resume-se em conter o crescimento do DF e a consequente expansão da cidade, na base da paulada. A lógica dessa política criminosa é a repressão de novas expansões e a remoção das favelas já existentes. Portanto, novas tempestades são anunciadas no horizonte, vide 110 Norte.

Com as sucessivas derrubadas de barracos, o sufoco da falta d'água, a aproximação das mansões do Lago Norte e Sul, além da atuação nociva da prefeitura e da diretoria da associação, demonstram que o quadro vai piorar. Mais cedo ou mais tarde, O GDF vai lançar a proposta de transferência. Não podemos ser pegos de calça curta. Faz-se necessário o armamento político do CEDEP e, através deste, o da comunidade. O CEDEP, precisa, a partir desse encontro, traçar uma linha de atuação que:

- Fortaleça o Movimento de Defesa dos Favelados: A política do GDF no Paranoá não é isolada. Ela manifesta-se também da mesma forma em outras favelas. Portanto, a fixação do Paranoá somente virá, simultaneamente com a vitória de outras vilas. Devemos lançar, neste encontro, uma campanha pela fixação das favelas do Distrito Federal.

- Demonstre a importância da autonomia política do DF.

- Retome a campanha pela Fixação do Paranoá. Esta campanha deve traduzir-se da seguinte forma:

a) Conquista de novos equipamentos urbanos: estender a experiência do poço artesiano do acampamento, lutar por mais escolas e pela reconstrução das que estão precárias, levar um trabalho de organização dos inquilinos, ampliar as melhorias da vila, etc.

b) agitativa: confecção de cartazes, atos públicos, shows, rádio popular, debates, peças, teatrais, vídeos, etc. A campanha deve ser levada por todos os grupos que compõe o CEDEP, cabendo a estes elaborar a melhor forma de levar a campanha em sua área de atuação.

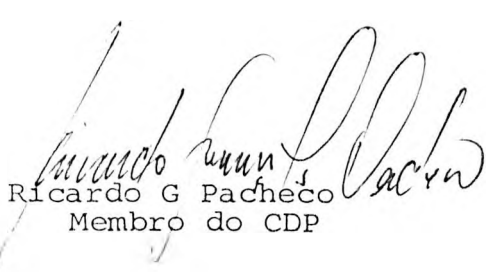
c) Formular, juntamente com o departamento de Arquitetura e Urbanismo da UNB, um projeto avançado de assentamento, que respeite os traçados originais da vila.

Acredito que com essas medidas, associadas a contribuições de outros companheiros, poderemos dar passos significativos na conquista da fixação da Vila. Até a vitória!

- "DAQUI NÃO SAIO DAQUI NINGUÉM ME TIRA".

Saudações paranoaenses.

Brasília, 17 de novembro de 1.987


Ricardo G Pacheco
Membro do CDP